



**Rafael Leite precisou vencer tabus, inclusive para desconstruir o preconceito sobre homens fazendo renda**

Fotos: Redeiras



**As Redeiras reciclam redes de pesca e couro e escamas de peixe. O resultado são lindas bolsas, carteiras, nécessaire e bijoias. O modelo acima, chamado Lagoa dos Patos, é o favorito dos clientes**

Reprodução/Instagram



**São Francisco feito por Fátima. As figuras religiosas refletem as tradições da região de Olhos D'Água**

cima de uma almofada e recortam fio por fio da rede, até tomar formato. Alguns moradores dão uma mãozinha em parte da produção.

As Redeiras têm foco atacadista para lojistas de todo o Brasil. Também realizam vendas diretas quando participam de feiras. A cor final das peças depende do tom natural da rede reaproveitada e a intensidade do desgaste por água e sol por que passa. Assim, não há um padrão. O azul marinho, por exemplo, indica que a rede usada era mais nova, e, à medida que desbota, tende a ir para o cinza claro.

## Nova geração

Rafael Leite é natural de Poção, município de 11 mil habitantes. O encontro com a *Revista* ocorreu semanas atrás, quando ele saiu do agreste pernambucano para expor no 15º Salão do Artesanato Raízes Brasileiras, aqui em Brasília. O artesão de 23 anos usa a renda renascença (um tipo de renda com agulha caracterizada pelo uso do lacê) como matéria-prima para a releitura de obras de arte famosas. O trabalho chama a atenção e, durante toda a entrevista, o estande ficou repleto de curiosos.

Terezinha Nunes acompanhou o jovem na viagem. Amiga da família, faz alguns anos que ela incentivou Rafael a participar do “Mãos que Criam”, realizado pela Secretaria do Trabalho, Emprego e Qualificação de Pernambuco. O projeto foi um marco no crescimento do artesão. Ele era o único aluno homem nas aulas. Além disso, recorda a insegurança — a renda está na família há décadas, inclusive como forma de sustento e ele sentia uma responsabilidade enorme. Felizmente, como ele mesmo disse, “o tempo levou a vergonha”.

A obra *O Abaporu*, de Tarsila do Amaral, inspirou o trabalho final do curso. Tendo ela como base, Rafael lançou sua própria criação, que levou três semanas para ficar pronta. O resultado fez sucesso em Pernambuco. Depois de mais algumas produções, ele teve a ideia de vender os quadros. Para se ter ideia, chegou em solo brasileiro já com algumas encomendas de clientes daqui para atender. Entre outras releituras que fez, estão obras como *Mulher Rendeira*, de Aldemir Martins, e *A Negra e Antropofagia*, ambas de Tarsila do Amaral.

Rafael sonha em manter viva a prática e o interesse das pessoas pela renascença, visto que a maioria das rendeiras são mais velhas e ainda há pouca participação dos jovens. A renda sofre também com os atravessadores, que compram o trabalho autoral desses pequenos produtores e revendem por valores altíssimos.

## SERVIÇO

### Redeiras

Instagram: @redeiras

Site: <https://redeiras.com.br/>

### Rafael Leite

Instagram: @atelierafaelleite

### Fátima Fibras e Fios

Instagram: @fatinhafibrasefios

Telefone: (62) 3322 6197

## Entre fibras e fios

“Colhido, plantado, autêntico.” É assim que Maria de Fátima Dutra Bastos, conhecida como Fátima, define o artesanato de raiz a que se dedica. Ela é filha e neta de parteiras e tecelãs, sendo esta última uma função comum por lá. Em Olhos D'Água, distrito de Alexânia (GO), Fátima transforma palha de milho e folhas de bananeira em esculturas que retratam a iconografia folclórica e religiosa da região.

Usar o improvável para fazer arte é um gosto que vem da infância. Quando criança, ela improvisava bonequinhos de milho enquanto cuidava das galinhas e de outros animais. “Fazia por brincadeira, não pensava que pudesse ter valor comercial”, recorda.

Em 1974, duas professoras viram o potencial do artesanato local e criaram a Feira do Troca, em Olhos D'Água. Empolgada, Fátima aproveitou a oportunidade para lançar algumas peças. Montou presépios, artes sacras e imagens religiosas. Na época, pensava em trocar as criações por uma calça jeans.

Com o tempo e o avanço da produção, passou a pesquisar o que deveria plantar para assegurar um trabalho de qualidade. Para ela, tudo começa no plantio e na escolha do milho, que, nesse caso, não é transgênico — ou seja, o milho não é geneticamente modificado. “Hoje, minha palha é meu ouro”, afirma.

Por experiência, ela diz que o aspecto natural dá ao artesanato uma energia a mais, um diferencial. “Temos que mostrar o que é o Brasil. No meu caso, retratar parte do Goiás. O artesanato deve manter essa ligação, e o artesão, claro, precisa acreditar no que faz, pensando sempre em melhorar o trabalho”, acredita.

A oficina de Fátima movimenta a economia local. Centenas de moradores já passaram por lá, ajudando na produção. Ela segue perpetuando seu espírito artesão por aí. “Se passo na rua e peço uma flor, já quero fazer algo com isso. Dou um jeito de inserir nas esculturas”, conta.